

# **‘Pai’ da bomba atômica deve continuar um enigma, diz Christopher Nolan**

## **‘Oppenheimer’, filme traz a trajetória do físico por trás do Projeto Manhattan**

**Por Elaine Guerini — Para o Valor, de Nova York**

**Valor, 14/07/2023 05h04**

Logo nos primeiros minutos de “Oppenheimer”, a plateia já tem uma ideia de como o “pai da bomba atômica” visualizava o mundo quântico. É como se o espectador entrasse na mente do físico nova-iorquino J. Robert Oppenheimer (1904-1967), enquanto ele tentava imaginar o microcosmo dentro do átomo, a unidade básica de toda a matéria, onde tudo é vibração.

“As imagens são analogias e representações de energia. E é essa visão de Oppenheimer que, em última análise, vai desencadear a bomba atômica [no final do filme]”, diz o britânico Christopher Nolan, diretor e roteirista do drama sobre o homem que acabou atormentado pelo poder destrutivo da sua invenção.

Toda a trajetória do físico por trás do Projeto Manhattan, responsável pelas armas nucleares empregadas no bombardeio de Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial, é revisitada no longa em cartaz a partir da quinta-feira (dia 20) nos cinemas. E até chegar à explosão atômica em si, o ponto alto de “Oppenheimer”, com imagens impressionantes daquela espécie de nuvem assumindo o formato de cogumelo, visualizações de ondas de energia pontuam toda a trama.

Tudo isso é para ilustrar como uma mente científica como a do protagonista (vivido por Cillian Murphy) enxerga o mundo, com base nas leis que governam o elemento primário da matéria. Pena que o espectador do Brasil não verá o filme no formato concebido por Nolan, em Imax 65mm. “Ao rodar em um formato superior, em termos de resolução, quando a imagem é traduzida para os outros formatos, até mesmo para quem vê o filme no smartphone, você assegura a melhor qualidade”, diz o diretor, de 52 anos.

Pela importância do imaginário visual, um dos primeiros colaboradores com quem o cineasta compartilhou o roteiro foi o supervisor de efeitos especiais Andrew Jackson, vencedor do Oscar da categoria por “Tenet” (2020), título anterior de Nolan. “Eu disse a Andrew que as visualizações do reino quântico poderiam naturalmente sugerir o uso de computação gráfica. Mas eu não queria usá-la, por considerá-la anestésica e inerentemente segura. É difícil instigar com ela a sensação de ameaça e de perigo”, conta Nolan, no hotel Four Seasons Downtown, em Nova York.

Na ausência de CGI, foram usados métodos experimentais, tanto para a representação do núcleo do átomo, que não é visível, quanto para a explosão da bomba. O Trinity, o primeiro teste de arma nuclear feito em 1945, no estado do Novo México, foi recriado de forma prática e não digital, buscando, assim, um maior realismo. “A confusão na escala é parte do que torna o mundo quântico tão fascinante. Ele funciona tanto para as menores partículas quanto para a imensidão do universo”, afirma o diretor a um pequeno grupo de jornalistas, do qual o **Valor** participou.

Vestindo blazer, calça e camisa na cor preta, o cineasta de fala mansa e leve sotaque britânico sabe que tudo o que faz sempre desperta grande expectativa em Hollywood. Com a sua trilogia de Batman (2005, 2008 e 2012), ele deu à saga do Homem-Morcego uma aura artística, de filme de autor, o que até então não era comum no segmento de super-herói. E com “Amnésia” (2000), “Insônia” (2002), “A Origem” (2010), “Interstellar” (2014) e também “Tenet”, ele quebrou a cabeça dos cinéfilos com as narrativas labirínticas.

“Cada filme que faço é uma continuação do que aprendo, usando as habilidades desenvolvidas e explorando os meus interesses”, diz Nolan, ao explicar como “Oppenheimer” se encaixa em seu repertório cinematográfico. “Com o tempo, a ciência passou a me influenciar mais, sobretudo com ‘Interstellar’ [onde astronautas viajam pelo espaço e tempo graças ao chamado buraco da minhoca].”

Foi durante a preparação para “Interstellar” que Nolan conheceu Kip Thorne, ganhador do Prêmio Nobel de Física em 2017, ao provar a existência das ondas gravitacionais, prenunciadas por Albert Einstein. E desde então o físico passou a ser o seu consultor científico. “Sentei com Thorne para tentar entender as diferentes leis da física e como elas se aplicam. E o que eu aprendi com ‘Interstellar’, ‘Tenet’ e ‘Oppenheimer’ é que a ciência é um meio de analisar o mundo, ultrapassando a esfera matemática e acadêmica.”

Suas conversas com Thorne aguçaram ainda mais a noção de que os físicos também lidam “com intuição e emoção”. “Muitos dos experimentos de Einstein eram evocativos, como os feitos com gêmeos. Enquanto um deles pegava um trem, o outro ficava na estação. E aquele que voltava parecia estar mais velho que o irmão que ficou”, diz Nolan, que não resistiu em recriar encontros de Oppenheimer com Einstein (Tom Conti) no filme. Aqui fica claro o dilema entre o progresso científico e a questão moral, devido ao potencial da invenção em exterminar a humanidade.

No que depender de Nolan, Oppenheimer vai permanecer um enigma - assim como sugere o livro no qual o roteiro foi baseado: “Oppenheimer: O triunfo e a tragédia do Prometeu americano”, de Kai Bird e Martin J. Sherwin (que a Intrínseca está lançando no Brasil). Por um lado, o físico sabia exatamente a porta que abria, mas, por outro, parecia ter a consciência pesada, abominando o que veio depois.

Por ser contra o desenvolvimento da bomba de hidrogênio (mil vezes mais poderosa que a bomba atômica), que era o plano do governo americano, ele chegou a ser considerado um espião. Foi perseguido politicamente, sobretudo por Lewis Lichtenstein Strauss, da Comissão de Energia Atômica, interpretado no filme por Robert Downey Jr.

“Gosto das ambiguidades produtivas e das situações impossíveis. O cinema funciona muito melhor quando não é didático”, conta Nolan, que preferiu a narrativa não linear, uma de suas marcas registradas. É como se o filme contasse duas histórias: uma com o ponto de vista

subjetivo de Oppenheimer (observando a própria vida) e a outra, mais objetiva, com o olhar de Strauss sobre o protagonista.

Mas nada que seja tão desorientador para o público quanto “Tenet”, filme sobre um agente secreto que tenta evitar a Terceira Guerra Mundial, manipulando o tempo - considerado ambicioso e confuso demais por boa parte da crítica. Ainda que a estrutura de “Oppenheimer” entrelace duas perspectivas, a fotografia serve de guia, alternando cenas em cor (as de Oppenheimer) com as rodadas em preto e branco (de Strauss).

“A cor vai ajudar a plateia a se orientar aqui”, espera Nolan, como quem não quer mais ouvir piadinhas. “Tenet” sempre figura nas listas dos filmes mais confusos de todos os tempos.